

**ARTIGO**

# A EVANGELIZAÇÃO NO MUNDO DIGITAL

Roberto Nentwig

**RESUMO**

Vivemos uma verdadeira revolução digital que altera todos os campos da existência: todas as realidades agora são afetadas pela comunicação, pela rede. O mundo digital é fascinante, tem um novo modo de apresentar o conteúdo, uma nova linguagem, um novo modo de estabelecer relações e contempla posições conflituosas. Evangelizadores e educadores precisam estar atentos às rápidas mudanças. Este artigo apresenta algumas pistas para que se possa dialogar com a nova geração digital: comunicação emocional e não ressentida, discernimento no uso das redes, ascese digital, cultura do encontro, fuga da cultura mundana.

**PALAVRAS-CHAVE:** Mundo digital. Geração digital. Evangelização.

**ROBERTO NENTWIG**

Doutor em Teologia, na área de Teologia Sistemático Pastoral, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (2017). Mestre em Teologia, na área de Teologia Pastoral, pela Pontifícia Universidade Católica do Paraná (2011). É graduado em Filosofia, pela Faculdade Arquidiocesana de Filosofia (1999), e em Teologia, pelo Studium Theologicum (2003). Tem atuação na área da Catequética e Pastoral.

**CONTATO:** beto.catequese@gmail.com

## CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O livro *O pequeno príncipe* ilustra com sabedoria o desafio de mudar paradigmas, ao narrar o encontro do protagonista com um acendedor de lampiões. O príncipe chega a um planeta e encontra um homem, de pé, acendendo e apagando uma luminária em um intervalo curto de tempo. Interrogando-o, o príncipe descobre que ele fazia isso pela ordem que recebera, mas que sua tarefa tinha ficado muito difícil. O planeta girava cada vez mais depressa, pois as manhãs e as tardes se seguiam cada vez mais rapidamente. O tempo acelerou, mas o pobre acendedor não teve capacidade de mudar os seus métodos (EXUPÉRY, 2006).

A questão que se coloca é sobre a nossa postura diante deste mundo que gira cada vez mais veloz. Como acolher suas qualidades? Como prevenir-se de seus malefícios? Este artigo procura levantar algumas questões relativas à evangelização no mundo digital, especialmente, em relação às novas gerações.

### 1. ESTE MUNDO MAIS VELOZ E SEUS DESAFIOS

De um modo veloz, em pouco tempo, testemunhamos uma verdadeira revolução digital que alterou todos os campos de nossa existência, pois, todas as realidades, agora, são afetadas pela comunicação. Vivemos no mundo da rede: redes sociais, digitais e midiáticas. Nele, será necessário mais do que o domínio das tecnologias para sobreviver. É preciso considerar que existe um novo con-

texto, formado pela soma da tecnologia às ações comunicacionais. Portanto, não importa apenas a posse de um *smartphone*, por exemplo, mas a conexão e o que pode ser feito com este dispositivo. Surge dessa interação um universo digital: as pessoas vivem em *conexão-relação* por meio de ações mediatizadas. A este conjunto chamamos de ecologia comunicacional (SBARDELLOTTO, 2017).

Elencaremos, brevemente, algumas características desta ecologia comunicacional, que aqui será chamada, didaticamente, de *mundo digital*.

- a) *O mundo digital é fascinante*. Todos querem o prazer do divertimento proporcionado pela nova tecnologia. O acesso à internet com velocidade é que oportuniza usufruir dos conteúdos disponíveis. Por isso, se o sinal da internet é fraco, ou se não existe *wi-fi*, percebe-se, logo, o desconforto, até mesmo a irritação. Parece inadmissível não estar conectado. Os *smartphones* integram a nossa existência como se fossem partes de nosso corpo. Certamente, isso mudou o nosso modo de viver e trouxe consequências deletérias a nossa vida, como, por exemplo, a massificação intensa e problemas de saúde mental (SCALA, 2001).
- b) *O mundo digital tem um novo modo de apresentar o conteúdo*. O conteúdo do passado era denso, complexo e duradouro. Pensemos nos conteúdos de nossa tradição religiosa. Já

no mundo digital, vivemos a égide dos *fast-thinkers*. Trata-se de uma expressão de Pierre Bourdieu (1997) que significa a simplificação dos temas e dos conteúdos. O que é produzido agora é homogêneo, tem uma mesma estética digital. Além disso, os conteúdos ficam sob o controle de um pequeno grupo, aqueles que dominam a audiência ou os *likes* (FRANÇA MIRANDA, 2011). Por outro lado, se antes poucos poderiam produzir conteúdo, agora todos podem existir na rede. O especialista não é mais a referência da emissão de conteúdo, pois agora qualquer amador despreparado pode postar a sua opinião e, se tiver muitos seguidores, pode fazer a sua ideia sobrepujar o argumento outrora balizado. Aqui percebemos grandes consequências para a evangelização, sobretudo, porque a Igreja se acostumou a ser detentora de uma certa autoridade, baseada em sua tradição e seu magistério. Há também o perigo de que os temas da fé fiquem diluídos, simplificados, perdendo a sua força original.

c) *O mundo digital tem uma nova linguagem.* A linguagem do mundo digital é fragmentada, rápida, múltipla e plural. Nada de grandes discursos enfadonhos. Os *influencers digitais* são objetivos e emocionais. São eles um bom exemplo da nova estética que se

apresenta, com as suas novas sensibilidades: o modo de falar, as estratégias para criar relações, a corporeidade, a definição de belo ou jovem mudaram e continuam a mudar. Agora a imagem é bem mais importante do que as ideias, pois é ela que atinge a subjetividade. Esta nova linguagem precisa ser conhecida e decifrada pelos evangelizadores e educadores.

d) *O mundo digital tem uma nova relacionabilidade.* Mudaram as regras de relação intrapessoal e interpessoal. Existe uma forte coletivização, traduzida pelos termos em voga: aldeia global, globalização, conexão em redes... Termos que traduzem um fato: estamos todos conectados!. Por outro lado, impera a cultura do individualismo, pois a rede pode aproximar as pessoas, mas, igualmente, afastá-las umas das outras. Vive-se só em um universo marcado pela *ubiquização*, ou seja, um mundo que possibilita que estejamos em toda parte, ao mesmo tempo. Pode-se acessar uma imagem em tempo real da *Time Square* ou de um estádio de futebol. É possível se conectar com vários grupos virtualmente, mesmo com pessoas que vivem distantes. Por outro lado, aumenta o sentimento de solidão (SBARDELLOTTI, 2017). Neste contexto, a evangelização terá o desafio de atrair as pessoas para comunidades concretas.

---

1 A existência digital se traduz pelo rizoma: não há mais um núcleo do qual tudo se deriva, pois tudo está em rede.

e) *O mundo digital traz posições conflituosas*. A mistura de tudo, mesmo de conceitos antagônicos entre si, desfaz a ideia de ordem e uniformidade que havia no antigo paradigma. Surge a coexistência conflituosa entre a unidade e a pluralidade, a banalidade e a seriedade, o certo e o errado, o público e o privado, o sagrado e o profano, o tradicional e o sofisticado. Um dos principais antagonismos é aquele existente entre o real e o virtual (SBARDELOTTO, 2017). O mundo da evangelização fica um tanto deslocado, pois evoca valores do real, mas precisa conviver com a virtualidade. Seria legítimo se render à virtualidade? Em que medida?

## 2. OS NATIVOS DE UM MUNDO QUE GIRA CADA VEZ MAIS VELOZ

As mudanças de nosso tempo são anteriores à *invasão* do mundo digital. Aquela modernidade forjada na busca da legitimação da razão entrou em crise, dando lugar a um contexto que possui vários nomes, caracterizado pela *liquefação*. Surgem deslocamentos importantes: do absoluto ao relativo, do objetivo ao subjetivo, da unidade à diversidade, do esforço ao prazer, da ética à estética, da razão ao sentimento, da sacralização à secularização, da formalidade à informalidade (BOTERO, 2002).

A antiga metafísica é colocada em xeque. Não mais definimos o ser a partir de sua essência, há uma decadência das representações, uma pluralidade

de versões, gerando uma ontologia débil. Decorre a debilidade do pensamento. Sobretudo, a verdade também se torna débil: sem âncoras absolutas que sustentem a razão ontológica do ser, a certeza de que realmente podemos conhecer a verdade se torna cada vez mais questionada. As grandes narrativas, que traziam o sentido da existência, perdem o seu espaço. Enfraquece-se o grande norte de sentido, no meio do emaranhado individualista de nossa sociedade, cada pessoa se torna o horizonte de sentido de si mesma (RUIZ DE LA PEÑA, 1995).

Diante deste contexto, o que podemos dizer dos jovens? São eles filhos deste tempo de pensamento fraco e, por isso, são também débeis. Percebe-se a acentuação de uma geração frágil. Quando a realidade é difusa e dissolvida, quando a fragmentação e o individualismo são marcantes, facilmente as personalidades tornam-se mais frágeis, inseguras e fragmentadas. Além disso, há um cardápio tecnológico, a imensidão da rede, as multiformes ofertas do mundo consumista. Ninguém consegue dar conta de consumir as ofertas que se apresentam. Neste universo, o jovem não consegue saciar suas sedes, tendo dificuldades de encontrar as respostas de sentido para a sua existência. Seria o momento de buscar ancoragem em pessoas fortes. O problema é que os pais e formadores também se encontram fragilizados ou já se tornou muito claro as suas ambiguidades. Se antes as autoridades eram vozes unânimes que emitiam palavras

de ordem, agora, encontram-se descredibilizadas. Esvazia-se a figura dos pais, dos professores (HAMAD, 2012).

Este enfraquecimento do ser é acentuado pelo mundo digital, como destaca o Papa Francisco: espaços on-line podem ser desumanos, gerar distorção da sexualidade, dificuldade de perceber a dignidade da pessoa humana, distanciamento da família e dos valores e desenraizamento.

// *A vida nova e transbordante dos jovens, que impele a buscar a afirmação da própria personalidade, enfrenta atualmente um novo desafio: interagir com um mundo real e virtual no qual se entra sozinho como num continente desconhecido*  
(*Christus Vivit*, n. 90). //

### 3. EVANGELIZAR NESTE MUNDO VELOZ

Os evangelizadores e educadores estão diante de um grande desafio. A Igreja costuma ser mais lenta em renovar seus métodos, mas a lentidão não é exclusividade dela. Seremos nós os acendedores de lampiões que não se adaptam à nova velocidade? É necessário encontrar novas posturas, pois seria falta de sabedoria nadar contra corrente ou demonizar a realidade que se apresenta. A juventude conectada se apresenta também como uma oportunidade. É preciso considerar que a revelação divina é pura comunicação: A Palavra se fez carne, revelando a face humana de Deus (cf. Jo

1,14). Deus assumiu a nossa linguagem, fez isso de um modo singular na plenitude dos tempos, mas já o fizera ao longo da história: a Palavra de Deus se manifestou de vários modos (cf. Hb 1,1-4). A seguir, apresentaremos algumas pistas de reflexão. Apenas alguns nortes sobre o assunto, tendo em conta de que se trata de um tema complexo, com mais questionamentos do que respostas.

a) *Evangelizar pela comunicação emocional.* Jesus é um comunicador que fascina os seus ouvintes, sua fala tem uma força de atração. Isso acontece pelo seu modo de falar e agir, pela sua proximidade. Não é de se estranhar a surpresa dos discípulos, que lhe dizem: “Senhor, todos te procuram” (Mc 1,37). A comunicação do Senhor continua a nos inspirar, ainda que sejam exemplos distantes de nossa cultura digital. Hoje, mais do que nunca, é necessário deixar de lado a comunicação formal, burocrática e teórica, substituindo-a pela comunicação cheia de sensibilidade, carismática e ardorosa. Jesus se aproxima de cada pessoa, fala ao eu de cada um. Jesus é um comunicador emocional e, portanto, está afinado com o nosso tempo. É preciso que os evangelizadores e educadores observem o poder de atração dos *Stand-ups* e *Youtubers*, dos vídeos divertidos e curtos espalhados nas redes sociais. O Evangelho é um conteúdo sublime, por vezes, comunicado sem vitalidade. O mundo digital da crise da modernidade exige uma *comunicação subjetivante*, ou

seja, é necessário chegar ao centro vital da pessoa, gerar vida, inspiração, decisão. É isso que se pretende com o resgate do *querigma*, que não é apenas o primeiro passo da ação evangelizadora, como também do fio condutor de qualquer itinerário de evangelização (cf. DAp, n. 287).

- b) *Evangelizar sem ressentimento.* Uma geração veloz e frágil apresenta-se também ressentida. Parece que a civilização atual é lugar de gente insatisfeita. O mundo faz uma oferta de felicidade que não se realiza, gerando ressentimento, inveja, um mal-estar. O *feed* das redes sociais, ao exibir *selfies* de pessoas aparentemente felizes, só aumenta o desespero, pois existe a impressão de que todos alcançaram o que *me falta*. Esta energia negativa *sai para fora* em forma de agressividade. Surgem os gritos murmuradores de corações irreconciliados revestidos de reivindicações políticas, apelos em prol da verdadeira moral de costumes e pelo retorno da verdadeira religião. A evangelização neste contexto precisa formar para a gratuidade, parece urgente curar o ressentimento e amenizar as polarizações. No contexto religioso, precisaremos ter a clareza de que uma verdade não se impõe. Não somos donos da verdade, mas ela nos possui, por isso, não é possível defendê-la com arrogância ou violência, não se pede o fogo do céu (cf. Lc 9,54-55). A credibilidade depende da relação de confiança que se estabele-
- ce com o interlocutor. Amor que cura o ressentimento. A santidade depende da cura do ressentimento. São necessárias palavras e ações que nos ajudem a fugir do “círculo vicioso da condenação e da vingança que continua enjaulando os indivíduos, as pessoas e as nações” expressas com “com mensagens de ódio” (SPADARO, 2016, n.p). Devemos anunciar o evangelho com ternura e alertar que existem muitos conteúdos raivosos que se proclamam a nova normativa da verdade eclesial (KUZMA, 2019).
- c) *Formar para o discernimento.* Os jovens estão mergulhados na rede. Lá navegam, surfam e também naufragam. Educadores e evangelizadores deverão ajudar as novas gerações a realizar bom uso da internet. Um dos problemas se relaciona a escolha do conteúdo. Certamente há muito conteúdo bom, mas facilmente as banalidades ocupam grande parte do tempo de acesso ao universo digital. Já é bem conhecido o desafio da disseminação de *fake news*, com todos os seus contornos na vida política, social, mas também presente no contexto religioso. Há uma pluralidade de vozes, todos falando ao mesmo tempo, embora sem a mesma autoridade para emitir uma opinião balizada. Podemos falar de uma *heteroglossia*, ou seja, a existência mútua de diferentes vozes (BAKHTLIN, 2000). O termo nos lembra o dia de Pentecostes (cf. At 2,1-11), quando uma multiplicidade de povos conse-

guia uma única compreensão, graças ao Espírito Santo, embora cada um falasse um idioma próprio. Hoje, o mesmo Espírito continua atuando para nos ajudar a tornar a pluralidade inteligível. O papa Francisco, fiel a sua tradição jesuíta, indica-nos o caminho do discernimento: é preciso examinar o que existe dentro de nós, mas também o que há fora de nós, escutando os sinais dos tempos (*Gaudete et Exsultate*, n. 168), então podemos separar, escolher, decidir. Não se trata mais de trazer uma moral de preceitos já pré-estabelecidos, de condenar pecados e fazer indicativos de virtudes. Nossa missão é formar jovens que sejam adultos morais, ou seja, sujeitos maduros que, à luz do Espírito, imbuídos dos valores cristãos, façam boas escolhas de modo livre. Na égide da liberdade, quando as novas gerações escapam facilmente dos olhares fiscalizadores, como se propunha na educação tradicional, hoje é urgente educar para uma liberdade responsável, criar autonomia na base do discernimento (Diretório para a Catequese, n. 370).

- d) *Educar para a ascese e para o silêncio.* Se a tecnologia nos deu a esperança de uma vida mais ágil e fácil, por outro lado, rouba-nos o tempo. Estamos cada vez mais conectados e sobrecarregados. Multiplicam-se os alertas sobre o perigo do uso indevido e demasiado dos *smarthphones*: afetamentos mentais, problemas cervicais, falta de sono, entre outros. Uma

ascese, ou seja, certa prática de mortificação será necessária. O mundo virtual está nos comprimindo: muitas tarefas e um excesso de ansiedade. Talvez os *smartphones* sejam um dos vilões que nos colocam num estado de total conexão e ansiedade. *Coachings* e cursos de meditação estão ganhando muito espaço, isso porque estamos desaprendendo a arte de serenar e viver no presente, sem grandes agitações, sem se angustiar com o futuro, mas viver com integridade o tempo presente, como nos indica as práticas de *Mindfulness* (DEMARZO e CAMPAYO, 2015). É preciso diminuir o grau de agitação. Isso não é automático, exige de nós, é preciso se reprogramar, tomar consciência de que estamos muitas vezes no piloto automático enquanto dirigimos, quando comemos e até quando estamos diante de outra pessoa. Então, encontros se tornam presenças ausentes, corpos que se colocam um diante do outro, mas sem profundidade, sem que a atenção sobre o outro com toda a sua história possa se tornar lugar da graça. Os educadores e evangelizadores deverão valorizar a liturgia em sua capacidade estética e comunicativa, educando os jovens para o silêncio. Em um mundo que perde os seus espaços de serenidade, cresce a avidez, ainda que desconhecida por vezes, de espaços de encontro com Deus e consigo mesmo. O principal desafio não é digitalizar a evangelização, mas oferecer experiências de sentido (Diretório para a Catequese, n. 371-372).

e) *Educar para a cultura do encontro.* Seguindo a reflexão acima sobre as consequências do ressentimento, é preciso que os evangelizadores e educadores estejam atentos para as consequências da polarização no contexto da transmissão da fé. Neste sentido, é preciso ter em conta que a Igreja não vive para proclamar excomunhões e exclusões. Não levanta a bandeira da verdade, deixando uma multidão fora da salvação. A verdadeira comunicação é respeitosa e acolhedora, portanto, quer gerar vínculos, promover a paz. Convém se lembrar da origem do termo *religião*: do latim *religare*. No mundo digital das ligações e religações, é tarefa dos evangelizadores unir quem está separado, criar redes de relações, usar a rede para unir, religar quem se sente separado e excluído, ter a capacidade de dialogar sem medo, sem imposições, sem defender-se demais (SBARDELOTTO, 2017). A Igreja vive assim a sua *catolicidade*, pois ela mesma “é uma rede tecida pela comunhão eucarística, na qual a união não se funda sobre os “likes” mas sobre a verdade, sobre o ‘amém’ com o qual cada um se une ao corpo de Cristo, acolhendo os demais” (AGASSO, 2019). A Missão é compartilhar uma experiência, não se trata de um projeto pronto que é imposto (DAp, n.145). Se o mundo digital gera separação, solidão e individualismo é preciso criar “espaços de oração e de comunhão com características inovadoras, mais atraentes e significativas

para as populações urbanas” (*Evangelii Gaudium*, n. 73). Eis a missão da Evangelização: nesse mundo virtual, não bastará uma boa publicidade, mas a proximidade. O grande desafio é não perder o horizonte da importância de se criar relações - a cultura do encontro.

// (...) *Apraz-me definir este poder da comunicação como ‘proximidade’. Não basta circular pelas ‘estradas’ digitais, isto é, simplesmente estar conectados: é necessário que a conexão seja acompanhada pelo encontro verdadeiro. Não podemos viver sozinhos, fechados em nós mesmos. Precisamos nos amar e ser amados. Precisamos de ternura. Não são as estratégias comunicativas que garantem a beleza, a bondade e a verdade da comunicação (FRANCISCO, 2014).* //

f) *Não se render à lógica mundana.* Atualmente, damos muito valor para o sucesso. Alguém jovem, de boa aparência, deslocado, cheio de *likes* está no topo dos bem sucedidos. O êxito, traduzido por palavras como *vencer*, ou mesmo por termos como *bombar* e *lacrar* marcam esta tendência. Nela, importam muito as estratégias do *marketing*, fazendo a pastoral refém das leis funcionais do mercado. Há ainda a tentação da cultura *popstar*. Alguns personagens eclesiais se tornam conhecidos, produzem muito material comunicacional, estão na



mídia, atraem muitas pessoas. Temos presenciado os riscos quando se confunde o meio com o fim, ou a pessoa com a própria instituição que ela representa. O Papa Francisco, neste sentido, é um bom exemplo: não se exime da mídia, pode até mesmo ser considerado um *personagem midiático*, além de muito conectado ao mundo digital, porém evangeliza com simplicidade, sem *autorreferencialismo*. Ele mesmo nos adverte:

// *Deus nos livre de uma Igreja mundana sob vestes espirituais ou pastorais! Este mundanismo asfixiante cura-se saboreando o ar puro do Espírito Santo, que nos liberta de estarmos centrados em nós mesmos, escondidos numa aparência religiosa vazia de Deus. Não deixemos que nos roubem o Evangelho! (Evangelii Gaudium, n. 97).* //

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Seria até dispensável dizer que o tema deste artigo é vasto. Muito se fala da nova cultura digital, em diferentes abordagens. Nosso texto é breve e sem grandes pretensões. Por isso, apenas suscita algumas reflexões. É importante que evangelizadores e educadores se sintam engajados em se atualizarem sobre a temática. Há uma diversidade de literatura a respeito.

Ao final, voltemos ao diálogo do acendedor com o Pequeno Príncipe, repor-

tado no início deste artigo. A continuidade da conversa nos mostra que não houve solução para o problema daquele pequeno planeta que girava cada vez mais veloz. Primeiramente, porque as normas não mudaram. Em segundo, porque o operário não aceitava sugestões, não queria nada de novo em seus métodos. As lições de Saint Exupéry são muito atuais, sobretudo dentro do contexto digital. Entre as qualidades mais importantes em nossa contemporaneidade está a capacidade de adaptação, unida à abertura às mudanças. Em nosso tempo, aceita-se com mais dificuldade o envelhecimento, porém, talvez não percebamos o quanto nossas ideias e estratégias ficam obsoletas. Então, criamos uma roupagem nova que cobre corpos envelhecidos, personagens que não acompanham a aceleração. Estaríamos nós entre eles? Certamente sim, em alguma medida.

Por outro lado, há valores que continuam perenes: discernimento, solidariedade, diálogo, encontro, ascese, cuidado são características da experiência cristã. Consideremos também outros indicativos contidos nas linhas de ação pastoral da ANEC. Não esqueçamos a ambiguidade deste tempo que carrega o novo e o arcaico no mesmo bojo. Que não tropeçemos na armadilha do fascínio da novidade, desconsiderando seus riscos. Por outro lado, que o apego ao antigo não seja pretexto para imobilidade. A este respeito, já alertara Jesus: "Vinho novo em odres novos!" (Mt 9,17).

## REFERÊNCIAS

---

- AGASSO JR. Domenico. Do “like” ao “amém”, perigos e vantagens da internet, segundo Francisco. **IHU**, 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586306-do-like-ao-amem-perigos-e-vantagens-da-internet-segundo-francisco>>. Acesso em: 07 de setembro de 2020.
- BAKHTIN, Mikhail. **Estética da criação verbal**. Trad. Maria Ermantina Galvão. Rev. trad. Marina Appenzeller. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BOTERO, José Silvio. **Posmodernidad y juventud: riesgos y perspectivas**. Bogotá: San Pablo, 2002.
- BOURDIEU, Pierre. **Sobre a televisão**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1997.
- CELAM. **Documento de Aparecida**; texto conclusivo da V Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano e do Caribe: 13-31 de maio de 2007. Brasília: CNBB; São Paulo: Paulinas, 2007.
- CONSELHO PONTIFÍCIO PARA A PROMOÇÃO DA NOVA EVANGELIZAÇÃO. **Diretório para a catequese**. Brasília: CNBB, 2020.
- DEMARZO, Marcelo Marcos; CAMPAYO, Javier Garcia. **Manual prático Mindfulness: curiosidade e aceitação**. São Paulo: Palas Athenas, 2015.
- EXUPÉRY, Saint. **O Pequeno Príncipe**. Tradução de Dom Marcos Barbosa. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- FRANÇA MIRANDA, Mário. O Cristianismo entre o próximo e o distante no processo comunicativo. In: ALTEMEYER JR. Fernando; BOMBONATTO, Vera Ivanise (org). **Teologia e comunicação: corpo, palavras e interfaces cibernéticas**. São Paulo: Paulinas, 2011.
- FRANCISCO. **Comunicação ao serviço de uma autêntica cultura do encontro**. Mensagem do Santo Padre Francisco para o XLVIII Dia Mundial das Comunicações Sociais, 2014. Disponível em: <[http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco\\_20140124\\_messaggio-comunicazioni-sociali.html](http://www.vatican.va/content/francesco/pt/messages/communications/documents/papa-francesco_20140124_messaggio-comunicazioni-sociali.html)>. Acesso em: 07 de setembro de 2020.
- \_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica Christus Vivit: aos jovens e a todo o povo de Deus**. São Paulo: Paulinas, 2019.
- \_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica Gaudete et Exultate: sobre o chamado à santidade no mundo atual**. São Paulo: Paulinas, 2018.

\_\_\_\_\_. **Exortação Apostólica Evangelii Gaudium**: sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual. São Paulo: Paulinas, 2013.

HAMAD, Nazir. Os jovens ou os “novos monstros”. In: FERNANDEZ, Claudia Mascarenhas; RASSIAL, Jean-Jacques (Org.). **Crianças e adolescentes**: encantos e desencantos. São Paulo: Instituto Langage, 2012.

KUZMA, Cesar. Youtubers ou inquisidores, profetismo ou difamação: desafios para a evangelização no universo cultural nas redes sociais. **IHU**, 2019. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/586308-youtubers-ou-inquisidores-profetismo-ou-difamacao-desafios-para-a-evangelizacao-no-universo-cultural-nas-redes-sociais>>. Acesso em: 08 set. 2020.

RUIZ DE LA PEÑA, Juan. **Crisis y apología de la fe**: evangelio y nuevomilenio. Santander: Sal Terrae, 1995.

SBARDELOTTO, Moises. **E o Verbo se fez rede**: religiosidade em reconstrução no ambiente virtual. São Paulo: Paulinas, 2017.

SOCIEDADE DE CATEQUESTAS LATINO-AMERICANOS – SCALA. **Linguagens da cultura midiática e catequese**. São Paulo: Salesiana, 2001.

SPADARO, Antonio. A comunicação não excomunga. Cinco pontos da mensagem do Papa Francisco para o 50º Dia Mundial das Comunicações. **IHU**, 2016. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/551138-a-comunicacao-nao-excomunga-cinco-pontos-da-mensagem-do-papa-francisco-para-o-50o-dia-mundial-das-comunicacoes-artigo-de-antonio-spadaro>>. Acesso em: 07 set. 2020.